

GAZETA MEDICA DA BAHIA

Publicação Mensal

ANNO XXXI

JULHO DE 1899

NUMERO 1

E. 5203

HYGIENE PUBLICA

1616

Respostas ao questionario do «DIARIO DA BAHIA»
sobre a epidemia reinante

(Continuação da pag. 548 do n.º de Junho.)

Accedendo ao honroso appello que me dirigistes em a vossa carta de hontem datada, apresso me em responder aos diversos itens nella contidos. do modo seguinte:

Reina actualmente nesta capital molestia infecto-contagiosa, que, se extendendo a diversas zonas, sem respeitar já raças, nem individuos, tem tomado character epidemico; que pelo que tenho observado e por informações de collegas, cujo criterio está acima de toda a duvida, este morbus é a febre amarella em suas diversas modalidades clinicas, mais ou menos attenuadas, mais ou menos aggravadas, segundo as receptividades indiyduaes; que receio a epidemia tenda a incrementar-se a tentas as condições de não aclimação a que estão sujeitos os individuos que, acossados pela secca, infestam actualmente esta capital, bem como os estrangeiros e creanças que, como aquelles, não gozam de immunidades.

Quanto ás medidas hygienicas postas em pratica pela repartição sanitaria do Estado, não estou habilitado a

julgar dellas, pois não tenho assistido ás desinfecções feitas, sabendo, entretanto, que ella dispõe de irrigadores e estufas que a sciencia aconselha em casos identicos.

Sou com a maior consideração de v. s. attento e venerador etc. Dr. *Aggripino Doria*.

Accussado o recebimento de vossa carta de 14, hontem recebida, seja-me permittido antes de tudo congratular-me comvosco pelo muito que vos vae merecendo a saude publica entre nós. E em realidade nada mais justo que os applausos que vos vão sendo tributados por esta lucta que travastes, e cujo fim será a convergencia de todas as forças competentes para a debellação do morbo que tantas vidas vai ceifando e tanto pavor vae causando áquelles que não gozam das immuidades da acclimação.

Nenhuma duvida tenho, que a molestia que está grassando é contagiosa, e que esta é a febre amarella, cada vez mais reconhecida pela abundancia de casos em pontos diversos da cidade, e sempre em numero crescente.

Na presente epocha não me tem cabido fazer notificações, isto pelo escrupulo que mantenho em incumbir-me do tratamento de doentes atacados desta molestia, escrupulo muito justificado pela incompatibilidade em que ficaria para com a minha clientella: entretanto, em periodos anteriores, sempre que não me tem sido possivel esquivar-me a esta penosa incumbencia apresso-me a fazer as necessarias communicações á repartição de hygiene, não, só porque sou do numero dos que presta o ser a obediencia ás leis, como tambem porque devo crer que procurará ella cumprir os seus deveres, sabendo ter ao seu alcance os recursos que lhe facultam os progressos da sciencia.

Julgando assim ter satisfeito tão attencioso pedido, faço votos para que destes vossos esforços possa advir o mais feliz exito na debellação do mal, que com intensidade ora grassa entre nós.

Com particular estima e afeição subscrevo-me.
Amigo attento e etc. Dr. — *Clodoaldo de Andrade.*

Peço-vos desculpa por não ter promptamente respondido á vossa carta datada em 14 do corrente, isso motivado por estar impossibilitado, ha alguns dias, de escrever. Ao questionario que vos dignastes me apresentar tenho a responder-vos do seguinte modo:

Ao 1.º—Sim,

Ao 2.º E' febre amarella, a qual tem se manifestado em geral com uma forma benigna, principalmente nas creanças nacionaes.

Ao 3.º Prejudicado com a resposta do 2º.

Ao 4.º—Tem augmentado o numero e em diferentes pontos da cidade.

Ao 5.º—E' não só em obdiência á lei, como julgo ella deverá empregar os meios de saneamento conforme aconselha a sciencia.

Ao 6.º—Não confio em absoluto, pois ella não dispõe de todos os recursos que exige a sciencia.

Ao 7.º—Ignoro que na presente epocha se tenha feito funcionar a estufa e mais appparelhos que ella possui. Podeis fazer uso destas linhas.

Agradecendo-vos a vossa gentileza, subscrevo-me com a mais alta estima e consideração.—Dr. *Aristeu de Andrade.*

Tendo em consideração a carta que tão gentilmente me dirigistes em data de 14 do corrente, contendo um questionario sobre o qual eu devo responder, e relativo a molestia infectio-contagiosa, que presentemente grassa nesta capital, cumpre-me agradecer-vos a delicadeza desta missiva e occupar-me de seus pontos, conforme o que tenho observado em *minha clinica*.

Quanto ao 1.^o reina não só a febre amarella como outras pyrexias de caracter infecto-contagioso.

2.^o Parece ainda não decrescer, attentas as causas, que a determinaram, achando-se, entretanto, disseminada por varios pontos da cidade.

3.^o Julgo que sim, não só em obediencia á lei mas ainda porque recebo com promptidão da repartição de hygiene os recursos de que careço; não se tendo manifestado caso novo nos pontos, onde tenho medicado os doentes, após as desinfecções e benificações.

4.^o Tenho confiança nas desinfecções feitas com os meios aconselhados pela sciencia; sabendo ainda que a repartição sanitaria dispõe de appparelhos modernos para esse fim.

5.^o Sou informado de que esses appparelhos já funccionaram regularmente.

Em conclusão, não é, sem cabimento declarar-vos que desde o mez de fevereiro proximo findo até a presente data tenho observado na *minha clinica* grande numero de casos de influenza de forma septica; muitos de febre amarella, alguns de typho-malaria e outros de remittente biliosa, que portanto considero a coexistencia epidemica da influenza e da febre amarella a ponto de muitas vezes se produzirem em meu espirito, no começo da molestia, duvidas a respeito da natureza do mal.

Não é sem oportunidade declarar que no anno de

1899 a influenza victimou em Pariz, em uma semana 2.683 pessoas!

São estas as considerações que julguei indispensaveis expender, baseadas apenas nas minhas observações.

Se entender-des, pois, que ellas merecem ser publicadas assim o fareis, protestando-vos desde já a minha maior estima e consideração.

Sou de v. ex. amigo etc. — *Alfredo de Barros.*

Peço a V. S. desculpa de não ter logo respondido a sua carta circular de 14 do corrente, em virtude de molestias em pessoas de minha familia, o que faço agora.

Tendo sido convidado pelos empreiteiros do assentamento da Linha Carris Electricos para tratar do pessoal estrangeiro trazido por estes senhores de S. Paulo para este Estado, a fim de assentarem a mesma linha, fui pela manhã do dia 4 de março para ver o hespanhol Vicente Marques, que se achava atacado de febre, e á tarde voltando, diagnostiquei achar se o mesmo soffrendo de febre amarella; doente este que fiz remover no dia seguinte a meu pedido para o hospital da federação, onde falleceu dois dias depois, tendo chegado ao meu conhecimento que o medico encarregado daquelle hospital dissera tratar-se de um caso de febre remittente biliosa, diagnostico este erroneo em vista dos symptomas que apresentava o enfermo, mesmo porque só confunde a febre amarella com a remittente biliosa quem nunca viu um caso de febre amarella, ou quem nunca leu o que tem escripto sobre o assumpto os notaveis mestres, como Torres Homem, Bully, Roux, Vallasques, Donnet, Béranger-Féraud e outros, especialmente este ultimo em seu importante tratado sobre febre amarella publicado em 1890, ou alguém que tenha o proposito de occultar o appareci-

mento de uma molestia infecto-contagiosa como esta que está reinando entre nós.

Dahi em diante tive sob meus cuidados medicos mais 16 doentes desta molestia. 7 dos quaes fiz remover para o hospital da Federação, não obstante a impertinencia do director deste estabelecimento em emendar diagnosticos.

Estes doentes remetidos por mim eram estrangeiros e todos falleceram.

Falleceram no districto da Penha 3 dos que ficaram sob os meus cuidados, restabelecendo-se 7.

Em todos estes doentes tive occasião de apreciar alguns casos de febre amarella de forma ligeira, alguns de forma média e o maior numero de forma grave.

Feita esta simples exposição dos factos que tenho observado em minha clinica, passo a responder aos quesitos propostos por V. S.

Ao 1.º Respondo que sim.

Ao 2.º E' febre amarella em suas diversas formas e symptomas que a caracterisam.

Ao 3.º Fica prejudicado com a resposta do 2.º

Ao 4.º Respondo que não, porquanto os casos vão se manifestando em diversos pontos desta cidade, accrescendo que esta molestia sempre tomou certo desenvolvimento aqui na Bahia nos mezes de fevereiro a junho.

Ao 5.º declaro que os casos por mim notificados foram não somente em obediencia á lei, como tambem por estar convencido da efficacia do isolamento e desinfecção, sempre que são observadas as prescripções impostas pela sciencia.

Quanto ao 6.º e 7.º—Julgo respondidos pelos anteriores.

Ao 8.º Respondo que actualmente não assisti a funcionar os referidosapparehos.

E' esta resposta que me cabe dar a carta de v. s. podendo fazer desta o uso que lhe convier.

Sou, como sempre, com a maior estima e consideração. De v. s. amigo etc.—Dr. *Carlos Augusto Freire de Carvalho*.

Confessando-me grato á prova de consideração que me prestaes, associando-me com outros distinctos collegas no desempenho que acabaes de assumir, appellando ás auctoridades competentes para que seja dominado o mal infeccioso, que actualmente reina nesta capital, roubando muitas vidas, passo a responder aos quesitos constantes de vossa carta de 14 do corrente, só hoje recebida, podendo fazer da minha resposta o uso que julgardes conveniente em relação ao fim que pretendeis.

Quanto ao primeiro quesito: não vos posso responder por observação propria, visto que os affazeres do meu laboratorio de esterilisação e do Instituto Bacteriologico de minha propriedade, assim como os trabalhos inherente á cadeira que professo na Faculdade de Medicina, não me deixam tempo para consagrar-me á clinica geral; mas por informações de collegas cuja competencia não pode soffrer contestação de quem quer que seja, e cuja opinião adopto *in totum*, affirmo que presentemente grassa nesta capital uma molestia de caracter infecto-contagioso; que capitula de febre amarella em todas as suas modabilidades clinicas.

Quanto ao segundo: Respondo que pelas informações colhidas em documentos publicos e particulares o morbo reinante tende a propagar-se, ameaçando até extender-se pelo interior do Estado.

Quanto ao terceiro: Está prejudicado com a resposta ao primeiro.

Quanto ao quarto: Respondo que em absoluto não posso confiar nos processos de desinfecção postos em pratica pela repartição de hygiene, quando vejo pelas informações prestadas por alguns collegas que essa desinfecção se tem limitado apenas, na presente epidemia, ao desprendimento de vapores chloro-phenicados, feito, porem, em commodos abertos, contra todas as prescripções da sciencia. Revela salientar que, possuindo a repartição de hygiene estufas e aparelhos, como dizem, não têm sido utilizados nesta quadra, pondo-se ainda em execução os processos primitivos e altamente anti-economicos e mesmo perigosos da incineração dos objectos que estiveram em contacto com o doente.

A não ser que possa allegar em seu favor a repartição de hygiene ignorancia no modo de fazer funcionar esses aparelhos, hoje recommendados em absoluto e postos em pratica em todas as partes em que se cuida um pouco de saude publica, teremos então forçosamente de acceitar a alternativa de uma repartição incumbida de velar pela vida de uma população descurar propositalmente de envidar os meios aconselhados, que aliás tem á sua disposição para debellar ou attenuar uma epidemia devastadora.

Tendo respondido resumidamente aos questios formulados na vossa carta e sobre os quaes julgo desnecessario fazer uma extensa dissertação, peço-vos permissão para destacar uma proposição exarada na carta do illm. sr. dr. secretario do interior, dirigida a essa illustre redacção, e contra a qual julgo de meu dever publicamente protestar na qualidade de professor da cadeira de Anatomia e Physiologia Pathologicas a que está annexo o estudo de Bacteriologia, proposição que serviu de assumpto de uma lição aos meus alumnos da

3ª. seria medica no dia util immediato ao em que destes publicidade á alludida carta. Considero ainda de mais valor o protesto que fiz e faço contra a dita proposição quando vejo que parte de uma autoridade superior da administração do Estado, representada em pessoa de um medico.

«Quanto a isto, o que ha não é, já o disse, uma grande epidemia, mas uma febre de caracter vario e incerto assumindo principalmente nos estrangeiros o typo irrecusavel de febre amarella, e nos nacionaes a forma gastro-intestinal com a symptomatologia da remittente biliosa dos climas quentes, da qual tambem se morre de vomito negro».

Esta proposição que prima pela extravagancia, em contradicção manifesta com o que ha demais elementar em bacteriologia, importaria se não fosse a tempo devidamente assignalada, em um verdadeiro descredito do movimento scientifico do nosso paiz, que aliás, sob este ponto de vista, tem merecido e grangeado alto conceito nos centros scientificos.

Esta transformação curiosa de um mesmo microbio pathogeno, produzindo no estrangeiro a febre amarella e em nacionaes a remittente biliosa dos climas quentes, é simplesmente uma descoberta maravilhosa, que viria, a ser verdadeira, resolver o grande problema scientifico deste fim de seculo, pelo qual tanto se tem esforçado bacteriologistas notaveis: a descoberta do germen productor da febre amarella.

Terminando, felicito-vos pela campanha honrosa que emprehendestes em prol da população de nossa capital, tão cruelmente dizimada de um dos mais devastadores «*morbis*» trazendo votos para que vejaes coroado os vossos generosos intentos, Vosso amigo, etc.—Augusto Vianna.

Satisfazendo ao pedido de vossa carta de 14 do corrente, passo a responder ao questionario que nella vos dignastes endereçar-me, pela seguinte forma:

Ao primeiro quesito

—Sim.

Ao segundo quesito

-- E' febre amarella,

Ao terceiro quesito

—Prejudicado com a resposta do segundo.

Ao quarto quesito

Os casos se multiplicam em diferentes pontos da cidade.

Ao quinto quesito

- -E' simples obediencia á lei.

Ao sexto quesito

—Não.

Ao setimo quesito

—Não.

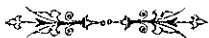
Ao oitavo quesito

—Sei que a repartição de hygiene possui osapparelhos aperfeiçoados e ouço dizer que, tem feito functional-os.

Podeis fazer uso desta minha resposta como entenderdes.

Sou com a maior estima vosso respeitador. —Dr.
Perouse Pontes.

Bahia, 18 de maio de 1899.



ENSINO MEDICO

Liberdade de frequencia dos alumnos das Faculdades de Medicina e Pharmacia da Republica (*)

PELO

Dr. Guilherme Rebello

Por melhores intenções que houvessem inspirado o Sr. Cons. Leoncio de Carvalho ao promulgar o celebre Decreto de 19 de Abril de 1879, que na 1.^a parte do § 6.^o do art. 20 estabelece a liberdade completa de frequencia ás aulas por parte dos alumnos, a experiencia de já não poucos annos tem demonstrado á sociedade que nem sempre as mudanças radicaes como essa, em meios não preparados para ellas, produzem o esperado effeito.

Passando em verdade do regimen antigo, da frequencia obrigatoria, para o actual, dir-se-ia que á mór parte dos alumnos se afigurou isso a carta que os libertasse de incomportavel servidão a que estivessem até então sujeitos e de liberdade de frequencia transformaram a concessão da lei em liberdade da cabula. Julgaram-se logo, e até certo ponto com razão, inteiramente desobrigados de frequentarem as aulas, habito que continuou a ser cultivado apenas por um certo numero, não constituindo talvez a maioria, porque esta presume dar prova de bom tom, de independencia e altivez, ou é levada por natural desidia, fugindo á frequencia diaria das aulas.

Comprehende-se que num meio onde se multiplicassem os cursos particulares de medicina e sciencias congeneres, convenientemente aprestados para as necessidades do

(*) Extrahido da Memoria Historica da Faculdade de Medicina e Pharmacia da Bahia relativa a 1898.

ensino pratico, a deserção das aulas officiaes não traria talvez inconvenientes, desde que fosse o alumno beber naquelles cursos a sciencia que dispensasse das cathedras da Faculdade. Mas entre nós, onde os cursos privados de sciencias medicas e suas connexas são *avis rarae* e não se acham aparelhados como convem para as necessidades do ensino pratico, fugir o alumno aos cursos officiaes equivale quasi a, na melhor hypothese, ter apenas por guia em seus estudos a leitura dos compendios.

Na melhor hypothese, dizemos, porque pode significar (e é talvez o caso mais frequente) o abandono completo dos livros.

Ora, é intuitivo que, si acaso é admissivel, na melhor hypothese figurada, baste a leitura dos tratadistas a intelligencias superiores, no caso de dispensarem as explanações do professor, hão de convir, de outra parte, que nem todos os alumnos attingem a tão elevado grão de intellectualidade, sendo da maior vantagem para estes um guia instruido e experimentado, que os oriente bem em sua jornada scientifica e lhes aplane as agruras do caminho.

Demais: uma coisa ha que a ninguem, seja qual fór seu nivel intellectual, nem mesmo a intelligencias geniaes, é dado alcançar sem o necessario tirocinio e o manejar constante dos meios adequados. E' a pratica, que se não aprende nas theorias dos livros, nem nas estampas dos compendios.

Consequencia de tudo isso: o alumno que abandona os cursos officiaes nada aprende, salvo raras excepções. E no entanto no fim do anno ahi está elle para exame, a nos atormentar e não raro fazer-nos depois, pelos corretores e pelas vielas, o alvo de recriminações as mais irritantes, si acaso lhes não sahiu tudo á medida de seus desejos.

Mas não é essa a unica desvantagem para o estudante do regimen actual de frequencia livre. Uma outra nos tem mostrado a experiencia, não só detrimtosa ao alumno, sinão tambem vexatoria para o proprio professor.

Sendo o estudante mero ouvinte, de que não tem o lente, na mór parte das aulas, o direito de exigir a menor exhibição de conhecimentos, a minima prova de seu estudo e preparo, evidente é que, si não houver entre alumno e professor relações particulares, que abram o ensejo a palestra scientifica, por onde possa o lente aferir o gráo de applicação e preparo do estudante, si todas as relações entre este e o professor se limitarem ao commercio das aulas, em que entra um para fazer a lição e o outro simplesmente para ouvil-a, sem permuta alguma de idéas entre este e aquelle, é claro, dizemos, que o professor chega ao dia do exame sem a menor noção do valor intellectual e scientifico de seu examinando. Vae julgal-o portanto só e só pelas provas do exame.

Ora, si o bom estudante conseguir fazer as provas que deve esperar de seu talento e estudo, terá a merecida approvação e haverá tudo andado pela melhor. Mas si, como frequentes vezes acontece, por uma circumstancia fortuita, toda occasional, um bom estudante (mas que o lente não conheça como tal) se sahir mal no exame, o lente tem o dever de reprová-lo; o que, absolutamente fallando, fere o sentimento da justiça, pois é intuitivo não deve ser a reprovção o premio de estudante bom e bem preparado.

Aqui está uma desvantagem enorme da frequencia livre para o proprio estudante, a quem por certo valeria como elemento do maior peso, verdadeira fé de officio subsidiaria do julgamento, o seo gráo de intelligencia e applicação, o seu preparo real e provado no decorrer do

anno, si de taes elementos tivesse podido o juiz haver conhecimento.

E que magoa não pungiria ao juiz si alguma vez se convencesse depois do julgamento de haver reprovado a examinando que se tenha sabido mal nas provas, é certo, mas que só por circumstancia eventual as haja feito desse quilate, por ser de facto um moço de intelligencia cultivada, adstricto ao estudo e de real preparo!

Por outro lado pode máo estudante, por feliz acaso, *effeetuar suas provas sobre os unicos pontos da materia* de que tenha algum conhecimento e em vista do exame ser approved; o que é tambem até certo ponto uma forma de injustiça, porque estudante mal preparado, que quasi nada saiba da materia em que fôr examinado, não deve ser approved, isto é— não deve receber por esforço que não fez o premio só reservado aos que se applicam.

Outro resultado da frequencia livre é a ampliação annualmente crescente das ferias que no decorrer do anno vão por si tomando os alumnos, especialmente os tradicionaes feriados de Junho e Julho, que anno por anno vão roubando maior numero de dias ás lições do professor, impedindo a alguns de desenvolverem por completo todos os pontos de seu programma e a outros pondo em serios embaraços para chegarem a cumprir este seu dever.

Muito se tem clamado contra essa praxe abusiva e nunca será demais salientar-lhe as inconveniencias.

Finalmente, com a liberdade de frequencia, como pode o professor dar cumprimento á parte final do art. 109 do Regulamento das Faculdades de Medicina e Pharmacia em nosso paiz, que exige desse funcionario «especial menção (sic) da frequencia media dos alumnos nas aulas theoricis e praticas»? Como verificar a assiduidade dos alumnos, si, não havendo chamada nas aulas

theoricas, por ser a frequencia livre, se acha o professor *desarmado do meio unico* de formar juizo seguro sobre a especie? E entretanto a propria lei que lhe tolhe os meios de formar juizo exige delle esse juizo. Não é, já não dizemos contradictoria, mas uma coisa realmente curiosa?

Aqui estão os bellos resultados da frequencia livre, que tem infelizmente desabrochado em fructos os mais detrimntosos para o alumno e vexatorios para o lente. E' pois do interesse do ensino voltarmos á obrigatoriedade da frequencia nos cursos theoricos e praticos, sendo o alumno obrigado a responder ás arguições feitas pelo professor, que irá deste modo aferindo o grão de applicação e preparo daquelle, o qual por sua vez se irá assim recommendando ao conceito do professor.

Não nos achamos insulado, felizmente, em nosso modo de pensar; pelo contrario, sentimo-nos fortalecido pelo juizo de espiritos dos mais eminentes que têm occupado e ainda occupam as cathedras desta Faculdade.

O fim principal que teve em mira o legislador exigindo a frequencia dos alumnos era, dizia o Snr. Dr. Virgilio Damasio (1), « a verificação da assiduidade, applicação e adiantamento dos alumnos, afim de se multiplicarem os elementos em que mais tarde o examinador possa basear um juizo seguro e justiceiro; não é somente o de compellir o estudãnte ao trabalho. Mas que o fosse, ainda assim o fim era attingido,—em uns pela emulação que despertaria nos corações dos que desejassem distinguir-se e primar entre os collegas, em outros pelo medo de comparecerem ao exame mal amparados pela copia que de si houvessem dado durante o curso.»

Mais adiante cita o emerito historiographo, para lhe acodir logo com a devida impugnação, o seguinte trecho

(1) *Mem. Hist.* de 1880—pag. 35

do Relatorio do Snr. Cons. Leoncio de Carvalho preconizando a frequencia livre:

«Para conseguir que se applichem ao estudo moços em quem, pela idade e cultura do espirito, já se presume o necessario discernimento para comprehenderem os seus deveres e interesses, não ha outro meio sinão a severidade nos exames, deixando-se-lhes a liberdade de estudar como e com quem entenderem, certos de que somente as provas de habilitação exhibidas no acto decidirão do resultado deste.»

«Ora», redargue o Snr. Dr. Virgilio Damasio (2), «permittam-me ainda que demore um pouco a attenção sobre o conceito que acabo de citar, o qual a meu ver é quadruplamente inexacto. Com effeito:

«1.º—Os moços que se matriculam em nossas faculdades, aos 16 annos de idade, com a instrucção preparatoria superficial, deficiente e falseada que entre nós recebem «acostumados (na phrase que repito e é verdadeira do finado Dias Cruz) a pensar que não é mister saber os objectos, mas basta illudir o examinador, e habituados desde a infancia á superficialidade, ao charlatanismo de um falso saber», não têm pela mór parte, não podem ter, o discernimento que lhes suppõe o illustre Snr. Cons. Leoncio.

«2.º—Mas, si têm-no, ao contrario do que affirmo, bastante *para comprehenderem os seus deveres e interesses*, como o primeiro dever de quem busca as lições de um mestre é o de ouvi-las e o primeiro interesse o de tirar dellas o maximo proveito, sujeitando á correccão do mestre aquillo que do ensinamento houver colhido, então segue-se que a disposicão legal será para estes quando muito dispensavel, mas nunca inconveniente, porque em

(2) *Mem. Hist. cit.*—pag. 35

taes casos *quod abundat non nocet*. Para aquelles porem que não comprehenderem os seus deveres e interesses—a disposição será nem só util, mas necessaria.

«3.º—Deixando-se-lhes (como diz S. Ex.) a liberdade de estudar *como entenderem*, o resultado é justamente este que ha pouco denunciei-vos. Entendem muitos moços (e este não é ainda o mais prejudicial dos modos de entender), entendem, digo, que basta-lhes a leitura de tal e tal livro, sem que careçam de guir a exposição com desenvolvimento e critica das doutrinas por elles lidas, e ás vezes malcomprehendidas, feita por professores, sejam officiaes ou particulares. Quanto áquelles a quem couberem as palavras do Cons. Dias da Cruz, tanto peor, tanto mais perniciosa será essa *liberdade* de estudar *como entenderem*.

«4.º—O medo de que sejam severos os exames do fim dos cursos não é incentivo sufficiente para que a estes se applicuem os moços de principio. E, si o é, então sel-o-á com maioria de razão o desejo de sobresahir durante o anno em assiduidade e applicação e o medo de notas mediocres ou más, tomadas por occasião das lições ou sabbatinas. E, si assim é, porque preferiremos nós punir o mal que em tempo pudemos talvez ter evitado?»

Não se pode ser mais explicito contra a disposição, sobremodo inconveniente, da liberdade de frequencia dos alumnos. E com tão bôa companhia não receiamos que se nos possa taxar de retrogrado e illiberal.

Nos cursos juridicos da Republica é hoje uma realidade a providencia que pedimos para os de medicina, estabelecida por seu eminente reformador, o ex-deputado Sr. Dr. Augusto de Freitas, contra cujo espirito progressista e liberal ninguem ousará erguer a mais leve objecção.

O caloroso acolhimento que recebeu o projecto dessa reforma, logo convertido na lei n. 314 de 30 de Outubro de 1895, mostra bem claramente que o proprio poder legislativo está convencido dos inconvenientes da frequencia livre até para os cursos juridicos, onde, em rigor, ao contrario do que passa com as sciencias medicas,—em que tudo é positivo, experimental e pratico,—poderia bastar o estudo de gabinete para a preparação do alumno.

Tambem não foram illiberaes e retrogrados os Srs. Drs. Domingos Carlos (3), Pacifico Pereira (4), Rozendo (5), Affonso de Carvalho (6), Climerio de Oliveira (7), Augusto Maia (8) e Almeida Couto (9), quando, em occasião como esta, deram expansão ás queixas que tinham da frequencia facultativa dos alumnos.

Por fim podemos invocar ainda em prol de nossa idéa um argumento acima de toda a estimativa: o pronunciamento solemne da propria Congregação como collectividade, quando, na sessão de 30 de Outubro de 1880, deu pleno assentimento a uma Representação, de que foi relator o Sr. Dr. Pacifico Pereira, á Camara dos Deputados e ao Senado, pedindo-lhes para, entre outros pontos que reputou (textualmente) «essenciaes a uma bôa organização do ensino», «tornar obrigatoria a frequencia das aulas».

De mais não carecemos para a justificação de nossa idéa.

(3) *Mem. Hist.* de 1874—pag. 63.

(4) Art. 8.º da Representação offerecida ao exame e voto da Congregação da Faculdade de Medicina em sessão de 30 de Outubro de 1879 e *Mem. Hist.* de 1882, pags. 15 e 16.

(5) Carta ao Sr. Dr. Virgilio Damasio na *Mem. Hist.* deste (1880), pag. 115.

(6) *Mem. Hist.* de 1884—pags. 58 e 66.

(7) *Mem. Hist.* de 1887—pag. 22.

(8) *Mem. Hist.* de 1888—pag. 11.

(9) *Mem. Hist.* de 1889—pag. 19.

tamento da febre amarella segundo o Dr. Stenberg

Pareceu-nos opportuno vulgarisar entre os nossos collegas, que ainda o não conheçam, o seguinte extracto do artigo sobre a febre amarella com que o Dr. Sternberg, cirurgião general do exercito americano contribuiu para a importante obra do Dr. Davidson—*Hygiene and diseases of warm climates*.

D'esse artigo extrahimos sómente a parte relativa ao tratamento, e para que mais cedo chegasse ao conhecimento da profissão apressamo-nos em o publicar no *Diario da Bahia* em 26 de Junho ultimo, e reproduzimos-o agora com algumas notas e commentarios.

S. L.

Remedios que têm sido recommendados

Que não têm sido satisfatorios os resultados de diversos methodos de tratamento propostos, evidencia-se pelo facto de concordarem a maior parte dos medicos dos paizes onde reina a febre amarella, e que têm extensa pratica, em que a medicação activa é prejudicial, e assentarem em adoptar um tratamento symptomatico, acompanhado de cuidadosos desvelos dos enfermeiros, como o que offerece melhores vantagens.

Os vomitorios foram out'ora considerados como parte essencial do tratamento antiphlogistico. Fallamos n'elles só para os condemnar, excepto naquelles casos em que no começo do ataque haja certeza de conter o estomago

materias não digeridas e fermentisciveis, causando nausea e anciedade. (1).

Os purgantes em todos os tempos têm sido considerados de utilidade no inicio de um ataque de febre amarella, e é tratamento classico onde quer que reine a molestia administrar um purgante qualquer logo no começo da observação. Divergem as opiniões quanto á melhor forma de cathartico; preferem alguns um mercurial, outros um salino, e outros uma dose plena de oleo de ricino.

Em razão do seu effeito certo, prompto e completo, e da ausencia de propriedades irritantes, este ultimo medicamento é um remedio favorito nas nossas cidades do sul, nas Indias Occidentaes e no Brazil, especialmente na pratica domestica entre os naturaes do

(1) O autor menciona os vomitorios só para os condemnar, excepto em casos especiaes, mas nem ao menos para isso falla nas sangrias, que aliás fôram empregadas no seu paiz e nas Indias Occidentaes em escala verdadeiramente assombrosa no seculo passado, e especialmente pelo Dr. Rush durante a epidemia de Philadelphia em 1793,

Este medico, e muitos outros que imitaram a sua pratica mediam por libras e não por onças o sangue extrahido das veias; chegou a sangrar até a 80 onças em cinco dias. Sangrava um doente até 10 vezes, e houve casos em que foi até 150 onças! Outros, seus imitadores nos Estados Unidos e nas Antilhas, ainda o excederam, tirando até 176 onças de sangue, mais de 5 litros!

Isto seria incrível se não fosse referido por La Roche, auctor circumpecto, na sua grande obra classica—*Yellow Fever*.

Nesses me-mos paizes, e em outros foi cahindo em descredito esta pratica, que mesmo n'aquelles tempos era já condemnada por outros praticos americanos.

Na Bahia, em 1849, a sangria foi posta em pratica a princípio; mas fôram tão desastrosos os seus effeitos que foi de todo abandonada, e não só no tratamento da febre amarella como em outras febres e em affeições inflammatorias agudas. Estava nessa epoca em voga a doutrina de Broussais, e sangrava-se a torto e a direito em todas as especies de febres; nos exaethemas e mesmo nas gestantes era de rigôr uma sangria no pé, do sétimo para o oitavo mez como meio prophylactico.

Depois da febre amarella passou-se ao extremo opposto: as emissões sanguineas foram abolidas quasi de todo, mesmo as locais, passando a lanceta a ser uma inutilidade nas carteiras de cirurgia, e o tradicional barbeiro sangrador um barbeiro e nada mais, como hoje é.

Pelo mal que fez na febre amarella, a sangria deixou de fazer desde então o bem que podia fazer em outras molestias; raro é o pratico que ainda a emprega.

paiz. A dose geralmente usada poderá parecer excessiva áqueilles que não tenham visto a sua acção benéfica; meio copo, e até mais, é a dose commum para um adulto,—2 a 4 onças (60 a 120 grammas). Muitos medicos preferem ainda um purgante mercurial, seguido, sendo necessario, de um cathartico; e o calomelanos é de ordinario o mercurial escolhido.

Deve-se ter em lembrança que a mucosa gastro-intestinal acha-se em um estado hyperhemico desde o começo do ataque; e tem mostrado a experiencia que se agrava este estado com a medicação activa, ou com a presença de alimentos, mesmo os mais simples, e que gravissimo perigo pode resultar da administração de qualquer cousa que augmente a irritação do estomago ou do intestino, cujas funcções normaes parecem suspensas em resultado da acção toxica do agente que dá origem aos phenomenos morbidos. Por esta razão é necessario administrar muito cautelosamente os catharticos, se elles forem necessarios, depois do segundo dia da molestia.

Porvia de regra melhor será poupar o estomago, e promover a acção dos intestinos por meio de clysteres purgativos.

A opinião dominante de ser a febre amarella estreitamente alliada ás febres palustres, levou muitos medicos, na primeira metade do presente seculo, a prescrever a quinina, com a idéa de ella poder constituir-se um especifico da molestia; não se realisou tal esperanza; mas ha ainda um certo numero de medicos experimentados que julgam ser efficaz uma dose plena no começo de um ataque; outros consideram-n'a prejudicial, e, em regra, o seu uso tem sido abandonado. (2)

(2) No Brazil, especialmente no Rio de Janeiro, tem havido, e ainda hoje ha adeptos do tratamento da febre amarella pela quinina, variando só nas doses e na opportunidade do seu emprego. Creio, entretanto, que a

Blair, cuja experiencia era muito extensa, e cujo tratamento parece ter sido, de ordinario, proveitoso, dava 20 grãos (1 gram.) de calomelanos, e 25 grãos (1,25 gram.) de quinina no começo do ataque, e em certos casos repetia a dose diversas vezes.

O Dr. Porcher, de Charlston, segue o tratamento de Blair, quanto á primeira dose, mas protesta contra a repetição. (3).

TRATAMENTO SYMPTOMATICO. *Reduzir a temperatura.* No tratamento symptomatico da molestia, doses sedativas de aconito ou de digitalis, ou de um dos modernos antipyreticos, taes como a antipyrina, podem ser cautelosamente administradas durante o primeiro periodo; mas é preciso ter em lembrança que á proporção que a temperatura baixa, e o doente passa ao segundo periodo da molestia, a acção do coração é muito fraca, e ha tendencia á morte por syncope. (4)

Banhos de toda a sorte—quentes, frios, mornos, medicamentosos,—têm sido applicados na febre amarella, e os testemunhos variam quanto á sua utilidade. Contudo os mais judiciosos e experimentados praticos estão accordes quanto ao perigo de incommodar o doente até

grande maioria dos medicos brasileiros não só não confiam n'este medicamento, poderos o cheroico em outras febres, mas até o consideram prejudicial n'aquella molestia. O que é, certo é que na epidemia de 1873, no Rio de Janeiro, nas diversas enfermarias estabelecidas pelas sociedades beneficentes portuguezas, cada facultativo tratou a molestia a seu modo, inclusivamente pela quinina em largas doses; a estatistica mostrou depois que em mais de dois mil casos a mortalidade foi sensivelmente a mesma em todas as enfermarias, mesmo na homeopathica, que, aliás, teve uma pequena differença a seu favor.

V. *Gazeta Medica* de 31 de Março 1874, p. 244.

(3) Só nestes ultimos annos tem o calomelanos sido empregado no tratamento da febre amarella n'esta cidade, e com algum proveito, mas em doses inferiores, de metade ou ainda menos, ás de Blair, e repetidas como purgativo e desinfectante. N'este ultimo sentido são mais frequentemente usados o benzoaphtho, o salol, salicylatos, bismutho, etc.

(4) A antipyrina é muito pouco empregada actualmente, e mesmo ás vezes regeitada como antithermico pelos nossos praticos, justamente pelos inconvenientes apontados pelo auctor.

ao ponto exigido por banhos amiudados, e, em regra, contentam-se com pediluvios quentes no começo do ataque, ou esponjar a superficie com agua fria, ou loções evaporantes para baixar a temperatura.

No sul do nosso paiz e nas Indias Occidentaes é methodo classico de tratamento um banho quente com mostarda aos pés, no principio do ataque.

O doente é envolvido em um cobertor, e senta-se com as pernas e os pés mergulhados em um balde de agua tão quente quanto elle possa supportar, á qual se tem ajuntado uma boa porção de mostarda. Tende isto a alliviar a congestão do cerebro, e muitas vezes produz a transpiração abundante. Pode ser repetido diversas vezes nas vinte e quatro horas. Applicações frias á cabeça, e esponjar repetidas vezes as mãos, braços e peito com agua fria confortam o doente, e são de decidida utilidade em virtude do seu effeito antipyretico. Recommendam alguns praticos o uso de agua morna para esponjar a superficie. Féraud prefere uma mistura de uma parte de alcool aromatico e tres partes de agua; o dr. Peyre Porcher recommenda—«assidua e prolongada applicação de agua gelada á cabeça, mãos e braços por tanto tempo quanto elles estiverem anormalmente quentes.»

Béranger Féraud gaba o uso de grandes clysteres de agua fria, repetidos a miudo, como meio de baixar a temperatura. Fez largo uso d'este modo de tratamento, e nunca o viu seguido de mau resultado.

Diminuir a congestão visceral. O emprego de sinapismos e vesicatorios para abater a congestão visceral pela revulsão á superficie, é approvado pelos medicos experimentados de toda a parte. Preferimos os sinapismos, e acreditamos que, em regra, elles fazem tudo quanto se possa esperar de um vesicatorio.

A sensação de peso, angustia, ou dor absoluta na região epigástrica, acompanhadas de náusea, que é em grande parte devida á hyperhemia da mucosa gástrica, são muitas vezes alliviadas com a applicação de um sinapismo no epigastrio. O doente sem descanso nem conforto, algumas vezes adormecerá promptamente depois d'esta applicação. Da mesma sorte, a congestão do cerebro e a dôr de cabeça podem muitas vezes aliviar com revulsivos nas extremidades, e a dor lombar com um largo sinapismo n'essa região.

A escassez da secreção urinaria, e muita vez a suppressão completa na febre amarella, parecem reclamar o uso de diureticos; infelizmente, porém, a experiencia ensina que os remedios de mais confiança dos desta classe, pouco aproveitam.

Os rins melhor se descongestionam com aquelles meios que promovem a transpiração, e pelos revulsivos applicados na região lombar. A suppressão completa raras vezes é, quando o seja, remediada por qualquer modo de tratamento. Em casos de pelle quente e secca, e diminuta secreção de urina, com dor lombar, indicando congestão dos rins, poderíamos tirar proveito do emprego hypodermico do chlorhydrato de pilocarpina. (5).

Estimular o coração. Raras vezes são necessarios os estimulantes nos tres ou quatro primeiros dias, e devem ser dados a principio cautelosamente, e em pequenas doses, de modo que não perturbem o estomago; entretanto, mais tarde, elles são absolutamente necessarios para sustentar o coração enfraquecido. Durante o segundo periodo da molestia, quando as pulsações não vão além

(5) O auctor parece suggerir apenas, sem se basear em experiencia propria, as injeções hypodermicas de pilocarpina. Não consta que ellas tenham sido usadas entre nós; mas em situação tão grave, em vista da fallibilidade de outros meios, e de algumas vantagens collidas em casos de uremia, creio não ser para desprezar este recurso aqui lembrado.

de 40 ou 50 por minuto, ha sempre tendencia á syncope. Isto succede especialmente á noite e pela madrugada; e muitos doentes cujo estado parecia satisfactorio á visita da tarde, têm sido encontrados mortos na manhã seguinte. Por meio dos estimulantes pode-se passar a salvo por este periodo perigoso.

Estando muito irritavel o estomago, um pouco de champagne gelado fará melhor do que qualquer outra cousa; mas a melhor forma de estimulante é, talvez, a bôa aguardente dada ás colheres de chá de meia em meia hora ou ainda mais a miudo, segundo as circumstancias. Deve ser bebida gelada. Mais tarde, ponche de leite, cerveja branca ingleza, ou preta, podem ser administrados, em maiores quantidades, especialmente a pessoas que tenham o habito de usar de alcoolicos.

Blair, cuja opinião em tudo o que se refere a esta molestia é digna de attenção, prefere o vinho velho do Rheno (hock,) a qualquer outro estimulante. Diz elle:

«De todos os cordiaes o melhor é o vinho do Rheno. Sendo de boa qualidade é conservado quando qualquer outra cousa é vomitada, e é geralmente do agrado dos doentes.

«Vi os melhores effeitos do seu uso, e muitas vezes o tenho dado até duas garrafas em vinte e quatro horas, Creio que elle tem salvado muitas vidas, e não conheço substituto para elle.» (6)

(6) Os estimulantes mais geralmente usados entre nós são os vinhos do Porto, Madeira, Xerez, e Champagne algumas vezes, e o Cognac, mas em dozes muitissimo mais moderadas do que as mencionadas por Blair para o vinho do Rheno, que é aqui pouco commum nas nossas mezas. Parece-me, porem, que n'estes casos ha a distinguir-se as pessoas que não usam, e a que usam em diversos grãos d'estas bebidas, e que as doses deveriam ser proporcionadas aos habitos de cada individuo em particular, e não administradas systematicamente a todos, tanto aos abstemios como aos moderados e aos descomedidos; assim não se correria o risco de ir muito alem, ou de ficar muito a quem de proposito com que se applica o estimulo,

Dominar o vomito. Remedios administrados pelo estomago com o fim de sustar os vomitos são, em regra, peiores do que inuteis Doses minimas de morphina applicadas hypodermicamente, são ás vezes efficazes contra a irritabilidade gastrica; mas ella é um remedio perigoso na febre amarella, e apenas são toleradas muito pequenas doses. Blair viu em seguida á administração da morphina estu- por, prostração e completo narcotismo com um decimo de grão (cinco milligrammas). Em vista do perigo resul- tante da sua administração, diz elle que é melhor pô-la no *index expurgatorius* da febre amarella.

O TRATAMENTO DE STERNBERG., A experiencia recente, durante a ultima epidemia nos Estados Unidos (1888) mostra que um modo de tratamento suggerido pelo auctor, quando em 1887 prosequia nas suas investigações em Cuba, tem muito favoravel influencia em combater a irritabilidade gastrica, e tambem em augmentar a quanti- dade da secreção urinaria. A acidez intensa da urina e das materias do vomito, e o facto de eu ter de ordinario encontrado o conteúdo dos intestinos mais ou menos acido, induziram-me a pensar que seria proveitoso um tratamento muito alcalino: e em vista da probabilidade de estar localisado no canal alimentar o agente especifico infectuoso, associei com o antacido escolhido um agente antiseptico que, como se sabe, oppõem-se ao desenvolvi- mento de micro-organismos que existam em muito diminuta quantidade.

A formula suggerida é esta:

R. Bicarbonato de sodio 10 grammas,

Bi-chloreto de mercurio 2 centigrammas.

Agua pura 1 litro.

Dar 50 grammas (3 colheres de sopa) de hora em hora; deve ser bebida gelada:

O bichloreto de mercurio, em dose comparativamente pequena, foi incluído na formula, não com a ideia de que elle tivesse de destruir extensamente os micro-organismos no intestino, mas como antiseptico que pudesse ter a vantagem de prevenir processos fermentativos no estomago, os quaes seriam talvez favorecidos pela franca administração de uma alcali.

Até que ponto elle tenha contribuído para os bons resultados que têm sido referidos por diversos medicos que empregaram este tratamento, é o que eu não posso dizer.

O chloreto de mercurio que fica em solução em presença do bicarbonato de sodio na proporção prescripta, seria precipitado pelo bicarbonato de potassio, o qual também é contraindicado em uma molestia em que ha grande tendencia á suppressão da urina, e a envenenamento uremico. Mostram as experiencias de Zelz e Ritter, e de Bouchard que na uremia os symptomas toxicos são em grande parte devidos mais á retenção dos saes de potassio do que á uréa.

O alludido tratamento tem sido posto em prova por numerosos medicos nos Estados Unidos, em Cuba e no Brazil, e eu tinha tido noticia de 374 casos tratados por dez medicos. Destes casos 301 eram em brancos, com uma mortalidade de 7,3 por cento, e 73 em pretos sem mortalidade alguma.

Durante a ultima epidemia nos Estados Unidos, em Jacksonville, Florida, o dr. Sollace Mitchell tratou 106 casos no hospital de Sand Hills, com 5 mortos, ou 4,7 por cento. Dos 106 casos eram brancos 79, e destes eram 73 adultos do sexo masculino. Todas as mortes occorrem nestes, e a mortalidade nos desta classe, tomados separadamente, foi de 6,8 por cento.

A mortalidade nos casos tratados no hospital Mercedes, em Havana, em um periodo de sete annos (1882 a 1888), como demonstram as estatisticas officiaes, foi de 43,5 por cento, (em um total de 712 casos). Em 1889, os drs. La Guardia e Martinez trataram 44 casos neste hospital pelo methodo em questão com uma mortalidade de 15,9 por cento. Referindo os resultados dizem elles: «Parece que o tratamento Sternberg diminuiu a mortalidade a menos de metade da média da mortalidade neste hospital. Observamos os seguintes factos: os doentes mostravam notavel tolerancia gastrica durante a medicação; quando tratados desde o primeiro dia raras vezes apparecia o vomito. A secreção da urina foi sempre consideravel; mesmo em casos graves, sendo fataes, os doentes não morriam anuricos. (7)

Alimentação. Nesta molestia, como nas febres especificas em geral, a alimentação é materia de capital importancia. Durante a primeira parte do periodo febril, nenhum alimento é desejado nem necessario. Melhor é não dar cousa nenhuma a titulo de alimento nos primeiros tres ou quatro dias da doença; passados estes, se o estomago consente, pode-se dar 30 ou 60 grammas de leite, ou de caldo de frango a espaços de duas ou tres horas. Estando muito irritavel o estomago dê-se menor quantidade com intervallos mais curtos; e melhor será dar o leite misturado com agua de cal. Se o

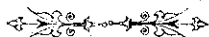
(7) Que me conste não tem sido empregado o tratamento proposto pelo Dr. Sternberg n'esta cidade.

Elle mesmo não o apoia em experiencia propria, mas na de outros medicos, entre os quacs alguns brasileiros. Nada obsta, entretanto, a que tambem o ensaiemos aqui: em uma molestia cujo tratamento especifico está ainda por descobrir, não se deve desprezar qualquer recurso que tenha pelo menos a apparencia de racional.

Em um proximo numero daremos ainda outras opiniões sobre a therapeutica e prophylaxia da febre amarella, emittidas por dous distinctos medicos havanezes.

estomago não conservar isto, não se insista mais, porem sustente-se as forças com clysteres nutritivos.

Mesmo estando tranquillo o estomago, e o doente pedir comida, será necessario dar-lhe apenas alimentos liquidos por dous ou tres dias, e depois não lhe conceder senão as mais simples e digeriveis formas de alimentos, pois ha perigo de recahida por imprudencia na dieta, mesmo nos casos mais benignos.



Revista da Imprensa medica

O flagello alcoólico

O Congresso internacional contra o abuso das bebidas alcoolicas, que acaba de ter em Paris a sua setima reunião, veio mais uma vez mostrar a immensidade do perigo que está correndo a França pela enormidade do seu consumo de acool. Esse paiz, que em 1855 vinha com a Italia no ultimo logar das estatisticas, attingiu hoje o primeiro, indo além da Ingiaterra, da Allemanha e até da propria Belgica.

A impressão que se tira dos trabalhos que occuparam a attenção do congresso é que a França caminha em terrivel senda de degradação physica e moral e acabará por chegar ao ultimo termo da miseria, se uma propaganda poderosa não conseguir a tempo conjurar o perigo, que de geração em geração se vae aggravando. Factos eloquentes o proclamam altamente: os conselhos de revisão não conseguindo apurar o contingente normal; a mortalidade infantil originada na hereditariedade alcoolica enorme em certas provincias; a alienação mental

accumulando os asylos. . . A magnitude do perigo, não a desconhecem os homens que em França pensam e que não se arreceiam de dizer a verdade, antes luctam por que ella seja bem conhecida para que a grandeza do remedio se proporcione á grandeza do mal.

O dr. Legrain, que foi a alma do congresso, desde muitos annos está á frente do movimento anti-alcoolico, que hoje começa a commover a opinião publica em França. Fundador da união franceza anti-alcoolica, que actualmente, depois de tres annos de existencia, conta 435 sociedades locais e 35 mil adherentes, o dr. Legrain expoz no seu discurso de abertura o programma inteiro da campanha a emprender. A obra da temperança é obra de solidariedade internacional. A França tem-se deixado illudir por muito tempo; hoje começa a sentir a necessidade de providencias mais energicas. A legislação franceza está toda por fazer; mas antes de recorrer ao governo deve-se apellar para a iniciativa particular; uma instituição só é estavel quando todos a querem; as sociedades anti-alcoolicas são as primeiras armas de combate; o abstinente não é um ridiculo asceta; é simplesmente o homem que recusa envenenar-se.

Ao lado d'este poderoso luctador, levanta-se uma figura feminina, que foge a toda a evidencia, mas que os factos trouxeram no congresso a plena luz; é a figura de M.^{me} Legrain, que, collaboradora infatigavel do marido, tem creado agrupamentos de senhoras, organizado restaurantes de temperança, e todos os dias visita familias de bebedos e se occupa das creanças.

Não é porem sómente a união instituida por Legrain que hoje em França lucta contra o alcoolismo. Existem n'aquelle paiz uma Sociedade franceza de temperança, que, fundada por Lunier em 1871, vive agora um pouco

apagada, e uma Sociedade franceza de temperança da Cruz Azul, organisada nas mesmas bases da Cruz Azul de Genebra. O pastor Rochat, que em 1877 instituiu este ultimo agrupamento, tão notavelmente desenvolvido depois, tambem compareceu no congresso, onde a sua palayra attrahiu as sympathias de todos. O pastor é conductor de homens: conduzil-os é guardal-os defendel-os, contra elles proprios, passar com elles privações, soffrer, emfim para os salvar. O alcoolismo é um flagello e para o christão tambem um peccado. Todo o peccado pôde ser vencido pela força de Deus unida á vontade do homem. Por isso homens de sciencia e homens de fè se encontram n'esta obra commum—a regeneração do alcoolico.

Não foi das coisas menos interessantes do congresso a exposição feita pelo representante do ministro da instrucção publica, mostrando tudo quanto se tem conseguido desde 1887 pelo pessoal docente da instrucção primaria. Resultados da propaganda feita pelos mestres de primeiras letras, em cujos programmas se encontra inserido um ensino do anti-alcoolismo, se reconhecem já em muitas communas, onde se começam a ouvir as lamentações dos que traficam em espirituosos. Tambem nos cursos das escolas normaes de mestres e das escolas primarias superiores se tem intróduzido o mesmo ensino e d'aqui a eclosão de toda uma litteratura de vulgarisação hygienica, em que não teem desdenhado de collaborar alguns dos mais eminentes homens da França, como o actual presidente do gabinete francez, Dupuy, com a publicação dos seus *Livrets d'anti-alcoolisme*.

Como se vê, agita-se em França um movimento bem accentuado de lucta contra o flagello alcoolico. Mas evidentemente ainda se está longe da notavel propaganda que tanto tem conquistado nos paizes do norte da Europa.

O problema mais interessante para nós está em conhecer a nossa situação e procurar saber se ha motivo para que se encete uma lucta contra o mal, se é que elle existe. Infelizmente não possuímos dados seguros para que se chegue a uma conclusão certa. O trabalho, que o nosso collega Alfredo de Figueiredo apresentou ao Congresso de medicina que o anno passado se reuniu em Lisboa, conclue, não tem duvida, pela realidade do mal e pela necessidade de o atalharmos desde já. Mas este trabalho, que é realmente muito notavel, produz antes a impressão penosa de quem, luctando pela verdade, se encontra emmaranhado n'uma rede infinita de embaraços, de difficuldades, de obstaculos, que de todos os lados acodem e se embrulham n'uma confusão que nada permite vêr. Não ha dados estatisticos serios—e isto diz tudo. Por isso não temos como de inteira certeza as conclusões a que chegou Alfredo de Figueiredo, por mais habilmente que elle as tenha fundamentado.

As minhas impressões—e só a este titulo as communico—são que o alcoolismo-doença é muitas vezes mais grave em França do que em Portugal. Em Paris chega a espantar o abuso dos espirituosos, que é coisa corrente, como entre nós está longe de existir. A hora do *aperitivo*, que é uso desconhecido em Portugal, constitue espectáculo dos mais curiosos dos *boulevards* de Paris, onde a multidão enche os cafés á busca do verde licôr. Pela manhã, á hora em que o trabalho começa, é inutil procurar nos *zincos* dos *assommoirs* bebida que não seja alcoolisada e o mesmo café é distribuido de recipientes onde se preparou com formidavel proporção de cognac.

Um dos espectaculos mais interessantes para quem estuda estas coisas em Paris é a visita á secção dos

alcoolicos, que em Ville-Evrard é dirigida por Legrain e constitue estabelecimento separado do asylo d'alienados. Afóra o confortavel das installações, que não apresenta novidade sobre os asylos communs e só é novo para quem pela primeira vez sahio de Lisboa, vê-se nos refeitórios, salas de reunião e dormitórios, distribuida pelas paredes e pelas traves que nos tectos fazem saliência, uma profusão de disticos, sentenças conselhos, ao lado de quadros graphicos e de ebromolithographias, que fartamente entreteem por um dia inteiro a attenção do visitante. Multiplicam-se inscrições como estas:—*L'alcoolique a des enfants dégénérés*—*Méitez-vous des apéritifs*—*L'absinthe rend épileptique et pousse au crime*—*L'alcool est une source de misère et de désordre*—*L'ivrogne est mauvais citoyen, mauvais époux, mauvais père*—*L'alcool sous toutes les formes est un poison*—*Tout homme digne de ce nom a horreur de l'ivrognerie.* . . . Ao lado, quadros graphicos coloridos representando o valor nutritivo e comparado de alimentos e bebibas, grandes cartazes appellando para o patriotismo, desenhos a côres figurando ao par de órgãos normaes, as lesões visceraes produzidas pelo alcoolismo. Este estabelecimento, que ha dois ou tres annos se consagra ao serviço dos alcoolicos, abriga para cima de 300 doentes. Claro é que a abstinencia se erige em regra absoluta; o vinho, que nos asylos do Scena é distribuido normalmente, é aqui substituido por infusões varias de chá, de genciana, e pelo celebre *coco*, que em Paris era d'antes o refrigerante popular por excellencia. Os doentes trabalham pela maior parte (cerca de tres quartos) no campo; o resto em officinas varias—marceneiro, torneiro, entalhador, estofador, serralheiro; alguns são pintores ou vidraceiros. A sahida, os doentes

encontram-se sob a protecção d'uma sociedade de *patronage*, cuja efficacia d'acção é bastante grande para que se tenha reduzido a 33 por cento o numero dos recidivistas admittidos.

Mas o mais notavel de tudo é que a população d'este asylo d'alcoolicos é a mais oscillante que se possa imaginar. Os doentes com effeito não permanecem além de dois ou tres mezes, e ainda assim a maior parte d'este tempo é dedicada a tentarem-se lhes communicar novos habitos depois de reintegrados na lucidez mental que existia antes do ataque que os levou ao asylo. Em verdade os doentes entram no seu delirio alcoolico e muito rapidamente o accesso desaparece de modo que o restante tempo de detenção quasi chega a ser uma violação dos regulamentos, e é só porque elles existem que a sequestração não se protrae mais, como seria do interesse do doente e desejo do medico.

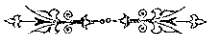
Ora, mesmo guardando todas as reservas que a differença de populações impõe, o que posso assegurar é que nada d'isto existe em Rilhafolles, nada que se pareça com essa surprehendente affluencia de delirantes, que sob a acção do alcool enlouquecem e rapidamente recuam para a normalidade. Se isto póde ser medida da extensão do alcoolismo em Lisboa—e não vejo por que não—não resta duvida de que não existe n'esta cidade uma situação que de longe sequer se pareça com a que domina na capital franceza.

E' por todas estas razões, mas principalmente pela ultima, que eu penso que o trabalho de Alfredo de Figueiredo,—onde se chega a registrar que o consumo total de alcool (vinho, cerveja, aguardente) em Portugal é superior ao de todos os outros paizes,—não consegue senão a demonstração de uma idéa, que hoje corre como

velharia sem base, e é que nos paizes de vinho não ha os perigos d'alcoolismo que nos outros dirivam de aguardentes por mil modos sophisticadas.

(*A Medicina Contemporanea*)

BOMBARDA.



NECROLOGIA

● Dr. Francisco da Silva Castro

Em 15 de Junho ultimo falleceu na Capital do Pará, na idade madura de 84 annos, o mais antigo, e um dos mais notaveis medicos d'aquelle Estado e de todo o norte do Brazil, o Dr. Francisco da Silva Castro; notavel, não só pela sua sempre justificada reputação de eminente e bem acceito clinico por mais de meio seculo, como pela sua erudição nas sciencias medicas, e em outros ramos dos conhecimentos humanos, que elle cultivava por gosto e no interesse geral do seu paiz.

Era filho de um negociante portuguez, o capitão de milicias José da Silva Castro e de uma senhora paraense. Concluida a sua instrucção primaria em Belém, foi mandado para Coimbra, onde fez o curso de humanidades no antigo Collegio das Artes, e sempre com grande aproveitamento. Passou depois á Escola Medico Cirurgica de Lisboa, em cujo curso foi mais de uma vez premiado. Terminados estes estudos em 1837, foi no mesmo anno recebido doutor em medicina, *magna cum laude*, na universidade de Louvain, e voltou á terra natal em 1838, onde se dedicou ao trabalho da clinica civil, que continuou em quanto lh'o permittiram as suas forças.

A classe medica do Pará em duas ou tres gerações

reconheceu e apreciou os seus meritos profissionaes, tanto no caracter de homem de sciencia, como pelos seus elevados sentimentos de humanidade e pelo seu desinteresse e nobreza d'alma; e a imprensa local, registrando com pezar o seu passamento, exalta com louvores as suas virtudes civicas; os seus meritos e os valiosos serviços publicos que prestou á sua provincia em diversos cargos que exerceu, como o de inspector de hygiene publica, vereador da camara municipal em duas eleições successivas, inspector da instrucção primaria, deputado provincial em diversas legislaturas, provedor da Santa Casa da Misericordia, alem de varias commissões que desempenhou sobre assumptos scientificos, litterarios, de geographia do Brazil, ethnographia, etc, em que a sua copiosa instrucção lhe abonava a superior competencia.

Por todos estes predicados e serviços lhe prestaram já os seus conterraneos as justas homenagens depois da sua morte; e durante a vida nem todos esses serviços ficara sem as merecidas recompensas; entre estas notam-se os titulos de membro da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, da Pharmaceutica Luzitana, da Humanitaria Portuense, e da dos Medicos Succos de Stockolmo.

Não lhe faltaram tambem as da munificencia dos soberanos, como a de cavalleiro da ordem de Christo e a commenda da ordem da Rosa (Brazil); as commendas da Ordem de Christo e de Santiago do merito scientifico e litterario (Portugal); a commenda da ordem de Santo Olavo e cavalleiro da da Estrella Polar (Suecia e Noruega.) Alem d'estas honras e recompensas, agraciou-o ainda o Papa Pio IX com a cruz de cavalleiro de São Gregorio Magno, e a rainha Izabel II da Hespanha conferiu-lhe a cruz de 2.^a classe da Ordem Civil de Beneficencia.

Cada uma d'estas numerosas distincções importava o reconhecimento de serviços profissionaes, humanitarios ou scientificos prestados durante uma longa vida de assiduo trabalho, dedicação e desinteresse, especialmente á sua patria e ao seu Estado natal que o contava no numero dos mais distinctos dos seus filhos.

Entre os trabalhos de lavra propria que nos deixou o Dr. Castro, alem da sua these inaugural sobre feridas intestinaes (Lisboa 1837) notam-se os *Apontamentos* para a historia da cholera morbus em 1855, impressos no Pará, que elle offereceu á Junta Central de Hygiene Publica do Rio de Janeiro; a *Enumeração dos vegetaes indigenas do Brazil*, e mais usados, com a respectiva designação dos nomes vulgares e scientificos, classificação, virtudes therapeuticas, formulas etc. Este trabalho foi remettido ao professor Silva Beirão, de Lisboa para ser aproveitado, como foi, no seu *Compendio de Materia Medica e Therapeutica*, publicado em 1862. Não consta que tenham sido impressos esses interessantes *Apontamentos* sobre a flora brazileira.

A academia real de Stockolmo mandou tambem uma memoria sobre o *Japum*, ave do Brazil e das Guyanas, conhecida pelo nome de xexéo.

No *Progresso Medico* publicou em 1877 um artigo sobre a fava de cobra (*Bignonia ophidiana*).

De outros trabalhos do Dr. Castro temos mais particular conhecimento, porque foram por nós publicados, sendo o primeiro no nosso n.º de 15 de Março de 1867, *Relatorio* ao presidente do Pará, na qualidade de inspector de saude publica; ahí recommenda o isolamento dos variolosos, e diz que é erro sustentar a necessidade da revaccinação, pois que a vaccina, sendo *boa e verdadeira* preserva por toda a vida.

Esta opinião de ha 32 annos terá sido abandonada depois pelo auctor em vista dos factos e das legislações sanitarias em contrario adoptadas em quasi todo o mundo civilisado.

O segundo são *Observações sobre o vegetal paracary*, publicadas nos nossos ns. de 30 de Abril, 31 de Maio e 15 de Junho de 1868. Esta planta, que tem os nomes vulgares de *hortelã brava*, e *melladinha* (Pernambuco) é completa e scientificamente descripta pelo Dr. Castro, que confirma com observações proprias e alheias, e citações de Piso, Martius e Margraff a crença vulgar de ser este vegetal um poderoso antidoto do veneno ophidico, e refere-se á lenda, popular em quasi todo o Brazil, de ser este o remedio a que recorre, quando mordido em briga com as cobras, o *saurio jacuarã*, mais conhecido na Bahia pelo nome de *teia*; suggere tambem a applicação d'esta planta ao tratamento da hydrophobia, das molestias de pelle, da syphilis, e da asthma, e estende as suas virtudes ás mordeduras de arraias, lacraus, insectos venenosos etc.

O terceiro é uma importante memoria publicada na *Gazeta*, nos ns. de 15 e 29 de Fevereiro de 1868, com o titulo de *Nota sobre a droga uirary* (curare), ou veneno de flecha. N'esta nota, que foi enviada á Academia Real de Stockolmo, vem a tradição e a historia d'este veneno, a discussão de elle ser de origem vegetal ou animal, o processo de preparação pelos indios, a descrição das plantas de que é composto, o modo de ervar as ponta das flechas e outras armas offensivas, e finalmente, a sua acção toxica, e as experiencias feitas até essa epoca por Claudio Bernard, etc. O Dr. Castro fez presente de uma tijellinha de barro cosido contendo curare, tal qual o preparam e acondicionam os indios ao auctor d'estas

linhas, que com elle fez, conjunctamente com o Dr. Silva Araujo, em Março de 1878, algumas experiencias em animaes (cães e alguns saurios que tinhamos á mão) verificando-se n'ellas a acção toxica paralyzante d'este poderoso veneno, mesmo em doses diminutas.

Por ultimo, no n.º. de Julho de 1880 demos publicidade ao *Parecer em separado* que, por divergir dos outros dous membros da Commissão nomeada pelo governo imperial para o estudo do beriberi no Pará, os Drs. Malcher e Americo Santa Rosa, remetteu o Dr. Castro em Abril do mesmo anno, ao ministro do imperio Sodrê Pereira. N'esse parecer diz o Dr. Castro ser o beriberi uma *nevrose sui generis*, de causa para elle desconhecida, e expõem o tratamento de seu uso, que consistia na administração de chloral, morphina, bismutho, arseniato de ferro, conforme os casos, e recommendava a mudança de ares, banhos de agua doce ou salgada, etc.

Vê-se por esta breve resenha dos seus principaes trabalhos scientificos, que elle não deixou passar despercebidos e sem exame os factos que encontrou no caminho da sua longa vida, nem guardou para seu exclusivo uso as reflexões que elles suggeriram ao seu espirito de analyse e de observação.

Alem de medico e naturalista o Dr. Castro foi tambem archeologo e dado a estudos geographicos do seu paiz. Para o *Diccionario popular* do Dr. Chernoviz, para o seu classico *Formulario* a contar da 8.ª edição, e para o importante livro do Dr. José Lourenço de Magalhães—*A Morphéa no Brazil*, publicado em 1882, prestou o Dr. Castro valiosos subsidios; e para o hospital da Misericordia do Pará organisou um copioso *Formulario medico*, onde se revelam os seus conhecimentos praticos de materia medica, therapeutica e arte de formular.

Diz um seu biographo paraense que elle «nunca percebeu pelos cofres publicos gratificação alguma em recompensa aos seus serviços. tendo, ao contrario, na qualidade de coadjuvante do Museu Nacional da Corte despendido parte de sua economia para poder representar condignamente esse cargo» e que «a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Nacional devem-lhe valiosos e importantes presentes, tendo tambem cooperado brilhantemente para as duas exposições ali realisadas, de historia e geographia patria e anthropologia»

Em sua passagem pelo Pará para os Estados Unidos o imperador D. Pedro II. mostrou ter em grande apreço os meritos do Dr. Castro, e a sua familia recebeu d'elle e da Imperatriz algumas significativas demonstrações de benevolencia e sympathia.

O monarcha recebeu por mais de uma vez do Dr. Castro presentes de grande valor archeologico e historico, não só quando esteve no Pará, mas ainda depois de voltar ao Rio de Janeiro.

De uma carta do Dr. Castro, datada de Janeiro de 1879, destacamos os seguintes trechos referentes a este assumpto: «Ha annos juntava eu alguns livres raros e mui valiosos, e tambem alguns mappas. a maior parte tendo relação com esta minha terra natal. Em Janeiro do anno que findou resolvi fazer de tudo um presente ao imperador»....

...«E' o terceiro presente que faço ao imperador, cada um de seu genero. e todos, a meu ver, preciosos, e de grande estimativa. Estou ficando velho, e talvez não possa offerecer-lhe um quarto mimo quando elle voltar, que, segundo diz a imprensa da Corte, será breve.»

«Sentirei em alto grau se isso assim acontecer; mas hei de esforçar-me por dar-lhe mais uma prova da minha estima e admiração»

«O caixote de livros continha 14 volumes de obras rarissimas, alguns impressos ha 200 annos. A dos mappas encerrava 12 mappas valiosos e raros, um (do Amazonas, estampado em Quito em 1707) desde Quito até á foz do grande Rio, com os nomes das povoações, antigos e modernos.—com os marcos de limites entre o Brazil por esta parte, e as colonias de Castella n'aquelle tempo, etc. Foi levantado por uma commissão de padres jesuitas hespanhoes, a cuja frente se achava o sabio Fritz, o qual desceu de Quito até á foz do Amazonas. Para mim é este mappa o mais exacto e melhor de quantos tenho conhecido.»

«Como este assim eram todos os outros e da mesma forma os livros. Acompanhou o presente o meu juizo critico em duas Notas sobre cada um dos objectos.»

«Penso que o *nosso collega em letras*, o Sr. D. Pedro de Alicantara regalou o seu espirito por alguns dias com a minha *offerta archeologica*. E certamente esta minha lembrança foi confirmada na opinião que elle guarda a meu respeito, isto é, *que eu sou um homem muito curioso.*»

A consideração em que o imperador tinha o Dr. Castro, e o elevado conceito em que tinha os seus meritos scientificos, revelam-se ainda no topico seguinte de outra carta sua com data de Junho de 1882.

... «fui graciosamente honrado por S. M. o imperador, recommendando-me o distincto Sr. Dr. Ladislau Netto, director do Museu Nacional da Corte, quando em Março veio a esta provincia em commissão por via da Exposição Anthropologica que em Julho terá logar no Rio de Janeiro. Fiz quanto pude para corresponder dignamente a tão alta recommendação. O recommendado confessa-se

muito penhorado, e levou para a Exposição um valioso presente meu, o qual cedi *in totum* a favor do dito Museu. Creio que será o meu último legado em vida».

É este o quarto mimo a que alludia o Dr. Castro quando, tres annos antes, dizia sentir em alto grau se o não pudesse offerecer ao imperador; mas offertou-lh'o indirectamente honrando a sua recommendação.

Tal foi o homem de sciencia e o benemerito cidadão que o Pará e o Brazil acabam de perder, mas que deixou um rasto luminoso da sua passagem que jámais se apagará, e conquistou na historia intellectual do seu paiz um logar proeminente entre as mentalidades que mais honraram a sua epoca e a sua patria.

O Dr. Castro deixou numerosa descendencia, e viuva uma respeitavel senhora, descendente do celebre geographo Adriano Balbi, fallecido pelo meiado d'este seculo.

A *Gazeta medica*, que sempre mereceu do Dr. Castro particular interesse e sympathia, cumpre um triste, mas imperioso dever em consagrar estas poucas paginas á commemoração do seu fallecimento, e á apreciação, ainda que imperfeita, dos seus trabalhos sientificos, e das suas eminentes qualidades profissionaes. É o auctor d'estas linhas, a quem coube o desempenho d'esse penoso dever, e a quem elle, por mais de 30 annos, particularmente honrou com assidua correspondencia scientifica e de relações de amizade, tomando parteno justo sentimento dos que lhe herdaram o nome illustre e guardam a honrada memoria, só lhes dirá, traduzindo um pensamento de Campbell, que— não morrem os que vivem nos corações que ficam.

Julho de 1899

S. L.

NOTICIÁRIO

Quarto Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia

A *commissão* directora d'este congresso, que se ha de reunir na capital federal, no proximo anno, por occasião das festas do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, dirigiu á classe medica e pharmaceutica a seguinte *communicação*:

«A' CLASSE MEDICA E PHARMACEUTICA—A *commissão* executiva do 4.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, abaixo assignada, ainda uma vez dirige-se aos *illustrados collegas* da Capital e dos Estados, communicando-lhes que realisar-se-ha definitivamente o 4.º congresso na segunda quinzena do mez de Junho do anno proximo de 1900, desta fórma contribuindo a corporação medica e pharmaceutica á *commemoração* do 4.º centenario da descoberta do Brazil,

Além da homenagem prestada a este facto notavel da historia patria, a classe medica e pharmaceutica, associando-se a todas as outras classes, tornando-se com ella solidaria nessa demonstração festiva nacional, cumpre o grande dever de patentear a todo o mundo scientifico, nesse certamen, quaes os seus estudos, quaes os seus labores; cumpre o grande dever de revelar os seus esforços para a resolução de serios problemas, dos quaes dependem o progresso e a felicidade de nossa patria, constituídos pela descoberta da causa de tantos males, que a affligem, e os meios de os debellar; taes são esses males: a febre amarella, o paludismo, a tuberculose, o beriberi, o lymphatismo, a lepra, etc., etc.

A *commissão* executiva tem certeza de que o 4.º congresso não será inferior aos tres já realisados; e,

pelas razões já diversas vezes expostas, acompanhando a opinião geral dos que entendiam ser a época mais prospera para a sua effectuação, a da commemoração do 4.º centenario da descoberta do Brazil, reitera os pedidos feitos a todos os collegas, para que enviem opportunamente os seus trabalhos ao secretario geral, na bibliotheca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e vai fazer nova distribuição dos estatutos, regulamentos, programas, etc. A commissão executiva.—*Dr. Guedes de Mello*, presidente.—*Dr. Carlos Costa*, secretario geral.—*Dr. F. Campello*, thesoureiro.»

As questões para memorias que deverão ser apresentadas e discutidas no congresso são as seguintes:

1—Estudo original sobre assumpto importante da pathologia brazilleira;

2—Estudo original therapeutico ou pharmacologico sobre agente medicamentoso brasilleiro;

3—Estudo original sobre assumpto de hygiene referente ao Brazil.

Questões preferidas para memorias e theses a discutir:

1—Febre amarella. 2—Beriberi. 3—Tuberculose. 4—Paludismo. 5—Typhismo. 6—Paralysias periphericas. 7—Psychoses. 8—Neurasthenia. 9—Serumtherapia. 10—Opotherapia. 11—Electrotherapia. 12—Hydrologia medica brazilleira. 13—Theraupetica indigena. 14—Codificação da pharmacopéa brasilleira. 15—Cirurgia plastica. 16—Laparotomias. 17—Intervenção cirurgica nos grandes traumatismos. 18—Intervenção cirurgica nas affecções cerebro-medullares. 19—Intervenção cirurgica nos tumores hemorrhoidarios. 20—Intervenção cirurgica na hypertrophia da prostata. 21—Intervenção operatoria nas luxações traumaticas irreductiveis. 22—Etiologia das affecções

uterinas. 33—Prolapsos genitales. 24—Molestias parasitarias, 25—Dermatoses mais frequentes no Brazil. 26—Lymphangite. 27—Lepra. 28—Syphilis na concepção. 29—Valor semeiotico das affecções oculares. 30—Manifestações oculares da lepra. 31—Causas da cegueira no Brazil 32—Morbilidade infantil. 33—Assistencia da infancia. 34—Assistencia publica. 35—Climatologia geral do Brazil. 36—Geographia medica brazileira. 37—Influencia do sólo e dos esgotos na salubridade. 38—Influencia dos domicilios sobre a salubridade. 39—Influencias do porto na salubridade do Rio de Janeiro. 40—Endemias e epidemias no Brazil.

A—Nos termos dos estatutos e do regimento, as memorias enviadas ao congresso poderão versar sobre qualquer questão, geral ou particular, dentro dos limites dos assumptos designados n'este programma, ficando á livre escolha do congressista a delimitação e a orientação do trabalho, sempre porem circumscripto ao Brazil.

B—Designando de preferencia essas theses, o congresso aceitará tambem as dissertações sobre qualquer outro assumpto, sujeito no emtanto ás determinações regimentaes.

C—E' totalmente de livre escolha a materia das communicacões a serem lidas em sessão, como das theses propostas á discussão, sobre as quaes procederá a mesa nos termos dos estatutos.

D—As memorias a premio deverão ser julgadas antes da abertura do congresso para o que terão de ser entregues até o fim de maio proximo futuro; as outras poderão ser recebidas até á 1.^a sessão preparatoria; e finalmente as notas, communicacões, etc, deverão ser levadas ao conhecimento da mesa a tempo de figurarem nos respectivos programmas de cada sessão.

—*Nota.*— Toda a correspondencia, memorias, communicações, adhesões, pedidos de informações, etc., deve ser dirigida, directamente ou por intermedio dos delegados do congresso nos estados, ao secretario geral no Rio de Janeiro.

A remessa de contribuições deve ser dirigida ao thesoureiro, dr. Francisco Campello á rua dos Ourives 163.— *Dr. Carlos Costa*, secretario geral.—Rio de Janeiro, março de 1899,

População do Reino de Portugal

D'A *Medicina Contemporanea* extrahimos os seguintes dados estatisticos relativos ao anno de 1896.

«O numero absoluto dos casamentos foi em 1896 inferior ao de todos os annos anteriores, e portanto bastante inferior á media dos dez annos. O numero dos nascimentos foi pelo contrario um pouco superior ao dos dois annos anteriores, mas ainda assim inferior á media.

Manteve-se nesse anno muito elevado o numero dos obitos, e só em 1890 é que houve mortalidade superior a de 1896. Por outro lado a emigração, que augmentara consideravelmente em 1895, baixou em 1896, approximando-se da media dos dez annos; e o excedente dos nascimentos sobre os obitos e emigração subiu de novo em 1896, ficando, comtudo, ainda inferior ao dos outros annos com excepção unicamente de 1890 e 1895.

A media da natalidade relativa a 1.000 habitantes tem diminuido, e só em 1894 é que foi inferior á de 1896, sendo tambem superior a media dos obitos; mas por ter sido menor em 1896 a emigração resultou subir o excedente dos nascimentos sobre os obitos e emigração para 1,92 por 1.000 habitantes, quando no anno anterior fôra somente de 0,62.

Em relação ás diferentes nações da Europa, occupa Portugal o decimo logar pela ordem crescente da mortalidade.

Emquanto aos excedentes dos nascimentos sobre os obitos é o nosso paiz o undecimo, encontrando-se no primeiro logar a Bulgaria com 15,7 por 1.000 habitantes, e no ultimo com 0,7 a França. A media no nosso paiz é de 9,8. Pelo que respeita á emigração vê-se que no ultimo periodo de 1891 a 1896 assumiu maior importancia do que nos anteriores.

Assim, a media por 1.000 habitantes foi apenas de 2,91 entre 1871 e 1880, crescendo para 3,90 nos dez annos seguintes, e para 6,01 no periodo de 1891 a 1896 o que muito prejudicou o accrescimo da população, que nos annos anteriores tivera notavel desenvolvimento.

Desde 1801 até 1840 pode considerar-se quasi estacionaria a população do reino, o que se explica pelos acontecimentos politicos daquella época agitadissima, em que ás successivas invasões que soffreu o nosso paiz se succederam as luctas civis que precederam e se seguiram ao estabelecimento do regimen representativo entre nós.

O augmento absoluto da população naquelles trinta annos foi apenas de 500.000 habitantes, e desde 1875 a 1897 houve o accrescimo de 811.800 habitantes, o que mostra bem ter sido nos ultimos vinte annos que entre nós mais se desenvolveu a população, não obstante ter afrouxado um pouco depois de 1890. O maior augmento que houve na população do reino deu-se no periodo de 1878 a 1890, apesar de ter sido nesses annos bastante forte a emigração. O augmento por 1.000 habitantes desde 1875 a 1897 foi de 181,4 em Portugal, numero inferior no mesmo periodo á media geral da

Europa, que chegou a 251,6. Não é o nosso o ultimo dos paizes emquanto ao augmento da população, porque abaixo de nós se encontram entre outras a Italia, a França, a Hespanha e a Suecia».

A peste negra no Oriente

Desde o 1.º de Janeiro até fim de Maio houve em Hong-Kong 567 casos de peste com 507 mortes.

Em Alexandria houve até o fim de Junho 41 casos dos quaes 16 fataes.

Ainda não está averiguado como se introduziu a epidemia n'esta cidade onde havia pestes desde 1844.

Não pode ser attribuida a invasão ás peregrinações, porque os primeiros casos se manifestaram em Abril, epoca em que os peregrinos ainda não tinham partido de Hedjad. O primeiro individuo tratado como suspeito de peste foi um grego que ha tres annos tinha sahido de Alexandria. O caso tem a data de 2 de Maio.

O doente começou revelando febre intensa e um bubão inguinal. Era empregado n'uma mercearia e habitava uma pensão frequentada por gregos e judeus de passagem. Foi examinado bacteriologicamente, mas o bacillo encontrado não era absolutamente typico; o doente curou-se.

Quatorze dias mais tarde outro rapaz grego cahiu tambem doente (febre, delirio, bubão;) clinica e bacteriologicamente foi d'esta-vez diagnosticado *peste*.

Este doente, que tambem se curou, morava na mesma rua que o outro, mas não havia relações entre elles.

Na casa do ultimo, porem, morava uma lavadeira com grande freguezia no bairro.

Estes dois casos, porem, não foram os primeiros; houvera em Abril um outro que não foi diagnosticado; somente quando appareceram estes dois é que o medico fez o diagnostico retrospectivo.